

3

A categoria tempo

A proposta de nossa pesquisa está diretamente associada ao conceito de **tempo** e às variadas relações semânticas que se podem estabelecer entre tal categoria e outras circunstâncias adverbiais. Assim, parece-nos necessário tecer algumas considerações a respeito de alguns problemas decorrentes da descrição dos tempos verbais na maioria das gramáticas do português.

Acreditamos que o ponto principal nesta questão seja distinguir duas definições básicas que se relacionam à noção de **tempo**: a primeira, uma categoria universal, por nós concebida também como tempo cronológico, através do qual marcamos a duração das coisas. A segunda remete ao conceito de tempo verbal, uma categoria lingüística que expressa se ação verbal ocorre antes, ao mesmo tempo, ou depois do momento em que se fala.

As gramáticas de nossa língua estruturam, em sua maioria, o sistema temporal dos verbos do português com base na tripartição presente-passado-futuro. Alguns teóricos defendem a tese de que a real divisão é entre presente e passado, sendo o futuro um tempo que pode ser perfeitamente expresso pelas formas verbais do presente (abordaremos esta questão no capítulo 5).

Como o próprio nome indica, o tempo, como categoria lingüística, marca o tempo da ocorrência da ação verbal em relação a um momento escolhido como o de referência, e que normalmente é o da enunciação. Trata-se, portanto, de uma noção subjetiva: só tem sentido para o falante, que traça as divisões temporais em relação a si mesmo, atuando como ponto de referência daquilo que enuncia. Como aponta Kátia Chalita Mattar (1979, p.6), “só falamos de um presente, um passado ou um futuro relativos, jamais absolutos¹²”. Ou ainda, como define Eunice Pontes (1992, p.72), “concebemos o tempo como uma linha, na qual o momento em que falamos é um ponto, a partir do qual projetamos o futuro à nossa frente e o passado às nossas costas¹³”.

¹²MATTAR, K.C., *Os conectivos subordinativos temporais na determinação do aspecto verbal*, Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, p. 6.

¹³PONTES, E., *Espaço e tempo na língua portuguesa*, p. 72.

Assim, podemos dizer que a qualquer enunciado corresponde um determinado acontecimento lingüístico, ao qual se associa, necessariamente, um tempo abstrato – o qual trataremos aqui por *tempo do acontecimento lingüístico* (TAL). Os valores temporais de um enunciado serão resultado da relação que se estabelece entre o tempo da enunciação e o TAL. Tais valores podem designar anterioridade, simultaneidade ou posterioridade em relação ao momento em que se fala, como exemplificamos, respectivamente, em I, II e III.

- I- Maria fala ao telefone.
- II- João escreveu uma carta.
- III- Miguel vai comprar uma casa.

Analisando as frases, diremos que I tem valor temporal de presente; II, de passado; e III, de futuro. Mas é necessário especificar que esses valores resultam de uma operação de localização em que o ponto de referência é o momento da situação de enunciação. Presente, passado e futuro são, assim, noções relativas, que só fazem sentido tomando-se como parâmetro o instante do ato de fala.

Dessa forma, em I, o TAL expresso pela relação predicativa “falar, Maria, o telefone” coincide com o tempo da enunciação. Em II, o TAL expresso pela relação “escrever, João, uma carta” antecede o parâmetro temporal do momento da fala. Em III, o TAL expresso por “comprar, Miguel, uma casa” está localizado num momento posterior ao tempo da enunciação.

No entanto, haverá enunciados em que o termo localizador da relação predicativa pode não ser o tempo da enunciação. É o caso específico, por exemplo, do tipo de construções que consiste em nosso objeto maior de análise: as construções formadas pela chamada oração principal e pela oração subordinada adverbial temporal. Vejamos:

- IV- João escrevia uma carta quando Cláudia chegou.

Comparando-se II e IV, enunciados que derivam de uma mesma relação predicativa (escrever, João, uma carta), observamos que ambos têm valor temporal de anterioridade em relação ao tempo da enunciação. Contudo, a diferença está no fato de que os dois enunciados são perspectivados a partir de

pontos distintos. Em II, o acontecimento lingüístico é construído como um todo fechado, que representa a seqüência de instantes durante a qual João escreveu uma carta, localizada em sua totalidade a partir do tempo da enunciação, que é posterior ao TAL. Em IV, diferentemente, o acontecimento lingüístico “João escrevia uma carta” é construído a partir de um outro ponto localizador (quando Cláudia chegou), que coincide com um dos pontos da seqüência de instantes do TAL. A oração adverbial funciona como um “novo” ponto de referência que, por sua vez, é localizado em relação ao tempo da enunciação. Assim, o acontecimento lingüístico em IV é construído como estando a decorrer no tempo do novo ponto que o localiza. Não temos a idéia exata do primeiro e do último pontos da seqüência de instantes que constitui o TAL. Trata-se, ao contrário de II, de um intervalo aberto, não concluído em sua totalidade.

3.1

Valores temporais-aspectuais

Essa dicotomia entre a noção de um processo encerrado e um processo surpreendido em sua duração nos induz, inevitavelmente, a abordar o conceito de aspecto, que, assim como tempo, modo, voz, pessoa, e número, é um dos elementos caracterizadores do verbo.

Podemos dizer, de uma maneira geral (não temos aqui a intenção de investigar todas as submodalidades referentes aos valores aspectuais), que a categoria aspecto pode ser caracterizada a partir da oposição entre as noções de duração e completamento: formas verbais que remetem a ações que se prolongam no tempo e a ações acabadas¹⁴. Para Ataliba de Castilho (1967:41), “o aspecto é o próprio ponto de vista do falante sobre o desenvolvimento da ação (...) daqui reduzirem-se as noções aspectuais a uma bipolaridade segundo a ação dure (imperfectivo) ou se complete (perfectivo)¹⁵”. Acompanhando o raciocínio de

¹⁴Optamos por não entrar no mérito sobre a questão da diferenciação entre as noções de aspecto gramatical e aspecto lexical (Aktionstart), que analisa a atuação dos afixos e de uma diversidade de formas, além da própria natureza semântica dos complementos, no acréscimo de informação aspectual dos enunciados. Reforçamos o lembrete de que não faz parte dos objetivos de nosso trabalho estudar a categoria aspecto, suas diferentes tipologias e submodalidades, de maneira aprofundada. Referimo-nos tão somente à noção de aspecto gramatical, calcada na dicotomia perfectivo x imperfectivo, que exerce considerável influência na interpretação do significado de alguns dos tipos de enunciados que estudamos.

¹⁵CASTILHO, A.T. de., *Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa*, p. 41.

Castilho, Mattar (1979, p.22) acrescenta que tal afirmação “equivale a dizer que todas as demais noções que vemos interferir na classificação aspectual consistirão, o mais das vezes, em submodalidades ou nuances aspectuais¹⁶”.

O aspecto imperfectivo caracteriza a idéia de duração de um processo verbal, do qual desconhecemos as fronteiras inicial e final. Indica “a ação de que se ignoram os limites: a ação é aí apanhada em seu pleno desenvolvimento¹⁷”, segundo Mattar (1999, p.17).

Ao imperfectivo opõe-se o aspecto perfectivo, que corresponde a processos encerrados, isto é, exprime uma ação pontual que se realizou por completo num período de tempo determinado.

Voltando aos exemplos II e IV, vimos que a distinção básica entre ambos está ligada à forma como se estrutura o TAL que lhes é associado, já que, em relação ao valor temporal, tanto um quanto o outro exprimem anterioridade em relação ao tempo da enunciação. A categoria aspecto diz respeito, justamente, a essa “forma como se estrutura” lingüisticamente a modalidade de ação, diferentemente do tempo, que marca a sua localização cronológica. Nas palavras de Othon M. Garcia (2004, p.88), “é a representação mental que o sujeito falante faz do processo verbal como duração¹⁸”. Ou ainda, na definição de Mira Mateus et al.(2003, p.129), é a categoria que “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação¹⁹”. Assim, afirmar que II e IV diferem na “forma como se estrutura o TAL que lhes é associado” equivale a dizer que a distinção entre os dois enunciados é de natureza aspectual. Em II, o acontecimento lingüístico “João escreveu uma carta” é integralmente concretizado – o processo é compreendido como um todo acabado. Logo, podemos afirmar que o enunciado tem valor aspectual perfectivo em relação ao tempo da enunciação. De maneira distinta, em IV, “João escrevia uma carta” é um processo surpreendido em seu próprio desenvolvimento, ou seja, é uma ação que está em curso no momento em que “Cláudia chegou”. Podemos dizer, assim, que IV tem valor aspectual imperfectivo em relação ao ponto que o localiza.

¹⁶ MATTAR, K.C, op. cit., p. 22.

¹⁷ Ibid., p. 17.

¹⁸ GARCIA, O.M., *Comunicação em prosa moderna*, p. 88.

¹⁹ MIRA MATEUS, M.H et al., op. cit., p. 129.

Veremos, nos capítulos que se seguem, a influência que a categoria aspecto, combinada com as informações referentes a tempo e a modo, pode exercer na interpretação do significado de certos tipos de construções adverbiais introduzidas por **quando**.

A distinção entre as categorias tempo e aspecto é objeto de vasta análise nos estudos de nossa língua. Constatamos, em nossas pesquisas, que a maioria dos teóricos aponta para a dificuldade de dissociá-las na análise, apesar de se tratar de categorias gramaticais diferentes. A principal questão referente a essa dificuldade parece ser o fato de que, em português, assim como em outras línguas, os marcadores básicos dos valores temporais – os tempos verbais – fornecem, através de seus morfemas flexionais, igualmente, informação acerca dos valores aspectuais.

Assim, o que se enfatiza é a capacidade de uma forma verbal exprimir valores referenciais diferentes do tempo gramatical a que, teoricamente, corresponde. Sobre o tema, vale atentar para as palavras de Garcia (2002, p.95).

“Os tempos verbais podem ter tão variadas conotações à margem do seu sentido fundamental, tanto matizes semânticos sob a camada da mesma desinência temporal, que não seria descabido falar em tempos-aspectos, denominação que talvez cause estranheza, pois tempo é uma coisa, e aspecto, outra²⁰.”

Mira Mateus et al. (2003, p.129) também menciona a proximidade entre as duas categorias, afirmando que “ambas não podem distinguir-se fundamentalmente” e “têm pontos de contacto na medida em que podem operar como o mesmo tipo de conceitos temporais, como por exemplo, o de intervalo²¹”.

Podemos ilustrar tais considerações tomando como exemplo o caso específico do presente do indicativo, que raramente exprime a idéia de simultaneidade de ação em relação ao momento da enunciação²², revelando-se um tempo gramatical matizado por conotações aspectuais e modais.

²⁰GARCIA, O.M., op. cit., p. 95.

²¹MIRA MATEUS, M.H et al., op. cit., p. 129.

²²Sobre o uso do presente do indicativo para exprimir informação estritamente temporal de presente, Mira Mateus et al., (Ibid, p.154) lembra que “isso ocorre claramente com estados enquanto com eventos está restringido a relatos directos e ao uso de enunciados performativos. Ex: A criança está contente / O jogador remata fortemente à baliza”.

VII – Pedro fuma.

VIII – Volto amanhã.

IX – Em 2002, o Brasil vence sua quinta Copa do Mundo.

As três frases acima são apenas algumas das possibilidades de uso que formas verbais no presente do indicativo podem indicar sem fazer referência a este tempo gramatical. Em VII, o presente configura a noção de habitualidade à ação descrita, isto é, representa uma generalização acerca de um fato que se repete no tempo, e não quer dizer, necessariamente, que Pedro esteja fumando no exato momento da enunciação. No exemplo VIII, o verbo no presente – apoiado pelo advérbio de tempo - expressa a idéia de um futuro bem próximo ao momento em que se fala. Em IX, temos o chamado “presente histórico”, em que um fato passado é relatado como se estivesse ocorrendo no momento da enunciação – a referência ao passado é explicitada pelo contexto.

Da mesma forma que o presente do indicativo, outros tempos verbais também apresentam essa “flexibilidade” de uso de acordo com os propósitos comunicativos do falante em cada situação. O que pretendemos ressaltar é que nem sempre as formas verbais concebidas pela gramática dão conta da descrição real do uso da língua pelo falante. Como resume Loana Lagos Maia (1981, p.8),

“é um erro partir de noções de Tempo para explicar o fenômeno lingüístico dos tempos verbais, pois deixamos de levar em consideração fatores relevantes, tais como a combinação dos tempos verbais com a temporalidade dos advérbios (estes muitas vezes como determinantes das noções temporais) e a flexibilidade dos tempos verbais, que podem indicar, em certos contextos, uma noção temporal que não a representada por seus caracteres formais²³.”

²³MAIA, L.L., *O verbo e o tempo nos mundos do discurso*, Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, p. 8.